

Entrever no (in)visível: imaginação, comunicação oracular e potência criativa

Florence Dravet

Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, Distrito Federal, Brasil

1

Resumo

Propomos investigar o que se processa no espaço entre o que se olha e o que se vê. Para tanto, tratamos do processo de adentrar o intermediário entre objeto e sujeito, entre coisa e visão da coisa, que também pode ser entendido como a junção não fusional entre ambos, ou a ausência de ambos em que se abre um território desconhecido, livre das noções de tempo e espaço. Na busca pela compreensão do fenômeno do entrever, enquanto forma de comunicação ampliada, tomamos a comunicação oracular como lugar do exercício de ver no território intermediário do “entre”, e a imaginação como mediadora da percepção de relações e correspondências entre as coisas e seus diversos planos de realidade.

Palavras-chave

Imaginação. Oráculo. Criatividade.
Comunicação ampliada. Invisível.

Introdução

“Joga-se búzios, cartas e tarô. Trabalho 100% garantido. Ligue já ou fale pelo Whatsapp...”. Quem nunca viu os anúncios colados em paradas de ônibus e pilastras, impressos em faixas de rua, placas e outdoors ou, mais elaborados, os que aparecem ao abrirmos sítios na internet? A arte divinatória no Brasil está viva e, se a oferta aparece abundante ao transeunte urbano desinteressado, a procura também parece justificar a publicidade. A população brasileira, ávida de respostas e soluções para seus problemas, parece não hesitar em consultar uma taróloga, um pai de santo ou uma cigana para administrar sua vida, saber do seu futuro, tomar decisões importantes, resolver questões financeiras ou amorosas. Não adentraremos aqui a análise – que certamente mereceria estudos também midiáticos, sociológicos e antropológicos – do imaginário que alimenta e é alimentado pela atividade oracular no Brasil. Deixamos para outra oportunidade também a pista do fascínio e da repulsa causados pelo inquietante na cultura brasileira de que os oráculos são uma manifestação premente. Também não

nos interessa aqui avaliar a veracidade das promessas anunciadas pelas referidas publicidades, nem o dito charlatanismo muitas vezes, e historicamente, associado à atividade oracular e mediúnic; causa do frequente desprezo e da desatenção aos fenômenos, no entanto, interessantíssimos, daquilo que está na base do pensamento mágico.

O que nos interessa aqui é levar em consideração, como algo digno dos estudos dos processos comunicacionais, a atividade oracular, enquanto ela nos parece reveladora de uma razão mágico-poética¹ que amplia o campo dos estudos em comunicação, potencialmente criativa, capaz de abrir o corpo e a consciência do ser humano (estudante, profissional, dilettante, artista, cientista, pesquisador, amador etc.) a um potencial ainda pouco explorado (ou talvez devêssemos dizer “já não mais explorado?”): potencial criador, potencial de cura, potencial de liberdade, de expressão e – por que não? – de alegria: a gaia ciência, reencontrada por Nietzsche. Esta talvez seja a melhor forma de expressar a razão que estamos buscando no estudo da comunicação oracular e do fenômeno do entrever no invisível².

A gaia ciência é a dos filósofos que “não têm a liberdade de separar o corpo da alma, como faz o povo, e menos ainda a alma do espírito” (NIETZSCHE, 2006, p. 19). O autor segue:

Não somos rãs pensadoras, não somos aparelhos registradores com entranhas frigorificadas – devemos incessantemente dar à luz nossos pensamentos na dor e materialmente dar-lhes o que temos em nós de sangue, de coração, de ardor, de alegria, de paixão, de tormento, de consciência, de fatalidade (p. 19).

Didi-Huberman (2011) aproximou a gaia ciência da noção de inquietante, argumentando, por exemplo, a inquietude da razão diante dos poderes da imaginação, presente desde Platão, voltando de forma intensa com Descartes e se afirmando em toda a geração de pensadores positivistas do século XIX que fundamentou os argumentos da ciência racionalista, em oposição à louca da casa: a imaginação. E, no entanto, defende o autor:

É errôneo, simplesmente, abordar o pensamento mágico, a adivinhação por exemplo, apenas do ângulo da confusão ou do contágio empático, oposto a toda distinção conceitual. Ambos trabalham conjuntamente,

1 Chamamos de razão mágico-poética os desdobramentos do *mythos*, domínio da narrativa criadora, em contraposição ao *logos* aristotélico, domínio da racionalidade técnico-científica, conforme a distinção estabelecida por Morin (1999). Para maior aprofundamento, remeto à Dravet (2014).

2 Muito antes de nós, em 1945, Maurice Merleau-Ponty já deu crédito ao invisível, ou seja, às partes da realidade que estão fora do alcance do nosso campo de visão, mas que são mesmo assim e de alguma forma percebidas pelo procedimento de sua *Fenomenologia da percepção* (2011).

modo de dizer que, em tal matéria, torna-se inoperante opor à força a imaginação à razão (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 49, tradução da autora)³.

Um texto fundante desta ideia de trabalho conjunto foi o artigo *Les formes primitives de classification* escrito por Marcel Mauss e Emile Durkheim, publicado em 1903. Nele, os dois antropólogos mostram que as formas primitivas de classificação não são em nada simples e elementares, mas advêm de operações mentais complexas, na exata encruzilhada entre o sensível e o inteligível e são maneiras de representar a relação entre concepções cosmológicas e organização social (MAUSS; DURKHEIM, 1903).

Em busca daquilo que consideramos uma razão mágico-poética, trataremos aqui de investigar o que se passa no espaço do entrever, situado além do que se olha e do que se vê, na experiência oracular, ou seja, na experiência de leitura “daquilo que nunca foi escrito” (BENJAMIN, 2007, p. 363): a leitura de uma caída de búzios ou de um jogo de tarô, por exemplo. Para tanto, seguiremos um trajeto expositivo em quatro etapas. Em um primeiro momento, exporemos a noção de comunicação ampliada que não apenas justifica o presente estudo no

campo da Comunicação, como também convide os pesquisadores a reconhecer a possibilidade de uma maior amplitude do campo e de investigações possíveis em perspectivas transdisciplinares para além das compartimentações tradicionais da ciência.

Em seguida, explorando primeiro o fenômeno do olhar daquele que lê o não escrito, indagaremos o que se passa entre o olho de quem olha e o objeto que se olha. O que se entende por ver, na atividade do olhar? O que se vê, o que não se vê e o que se entrevê quando aquilo que se procura não está escrito?

Na terceira parte, trataremos do silêncio como lugar intermediário de conversão de um tipo de visão em outro; lugar de dinamização do sentido, onde a imaginação, enquanto mediadora de um processo de comunicação complexo, atua de forma mais evidente. E aqui, recorreremos à concepção de imaginação expressa por Baudelaire:

A imaginação não é a fantasia; também não é a sensibilidade, se bem que seja difícil conceber um homem imaginativo que não seja sensível. A imaginação é uma faculdade quase divina, que percebe primeiro, afora qualquer método filosófico, as relações íntimas e secretas entre as coisas, as

3 Il est donc faux, tout simplement, de n’aborder la pensée magique, la divination par exemple, que sous l’angle de la confusion ou de la contagion empathique opposée à toute distinction conceptuelle. Les deux travaillent de concert, façon de dire qu’en cette matière il devient inopérant d’opposer à toute force l’imagination à la raison.

correspondências e as analogias (BAUDELAIRE, 1976, p. 329, tradução da autora)⁴.

Por fim, chegaremos à palavra como lugar de expressão do novo mundo entrevisto que ora pode se expressar e, eventualmente, se fixar em algum suporte de memória: do tabuleiro de jogo à cabeça do homem. Nesta etapa, trataremos das diversas formas de classificação e codificação daquilo que pode aparecer, ao olhar desatento ou despreparado, como um pequeno caos, uma confusão de objetos ou algo desprovido de sentido, mas também da necessidade de desprender-se de tais classificações e deixar-se levar pela fluidez das imagens, percebendo “as relações íntimas e secretas entre as coisas”, os sentidos obscuros, as “correspondências” e “analogias” em meio ao heteróclito.

Chamamos desde já a atenção para o fato de que, em nossa hipótese, o entrever se dá nos três movimentos que acontecem juntos: tanto no olhar, quanto no silenciar e no dizer, ou seja, todo o processo da comunicação oracular é um processo complexo e dinâmico de entrever. É importante acrescentar também à complexidade apontada, a noção de dinamismo, pois no processo de leitura “daquilo que nunca foi escrito”, o que se passa no espaço

do entrever, é justamente a movimentação dinâmica do pensamento, o acionamento de um dispositivo criador dinâmico ordenador do caos: criador de sentidos, criador de mundos que então se abrem como novas perspectivas para a vida, novas possibilidades de se olhar para o presente e de construir uma história. Nem o passado nem o presente nem o futuro estão fixos e determinados no território intermediário do entrever. Tempo e espaço adquirem novas potências. É o que tentaremos expor agora.

Entrever – por uma comunicação ampliada

Propor ao campo da Comunicação uma investigação sobre o que chamamos de comunicação oracular e que situamos no espaço intermediário do “entrever”, ou do “ler o que nunca foi escrito” requer uma justificativa antes de se configurar em um convite à ampliação do próprio campo de pesquisa. Acompanhamos nesta proposta a perspectiva de Santos (2000) que, em *A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*, já lamentava a ausência, na enorme quantidade de pesquisas da atualidade, de uma teoria crítica, um pensamento capaz de ir em direção a novos campos de possibilidades, a fim de avaliar a natureza

4 “L’imagination n’est pas la fantaisie; elle n’est pas non plus la sensibilité, bienqu’il soit difficile de concevoir un homme imaginaire qui ne serait pas sensible. L’imagination est une faculté quasi divine qui perçoit tout d’abord, en dehors des méthodes philosophiques, les rapports intimes et secrets des choses, les correspondances et les analogies”.

e as alternativas àquilo que já está empiricamente dado. Consideramos aqui que os novos estudos do corpo em suas relações com mente e consciência constituem, para a Comunicação, o lugar onde é possível adotar uma perspectiva crítica no trajeto entre a observação prática e a teorização, repensando, inclusive, metodologias de pesquisa e enfrentando novos objetos de observação.

Christine Greiner (2011), pensadora do corpo na encruzilhada entre filosofia, arte e ciência, aponta para as dicotomias e ambivalências teóricas como lugares de negociação:

Mais do que nunca, torna-se pertinente indagar que tensões e ambivalências marcam o lugar enigmático de onde fala a teoria. A linguagem da crítica parece tanto mais eficiente quando não mantém separados os termos do senhor e do escravo, do mercantilista e do marxista, do cientista e do artista, mas à medida que ultrapassa as bases da oposição dadas e abre espaços de tradução. O desafio está, portanto, no reconhecimento de que se trata mais de uma negociação com o outro do que de uma negação ou submissão (p. 2)

Propomos aqui também pensar o conhecimento popular, com sua razão mágico-poética e sua práxis cotidiana, como lugar de ultrapassagem das bases da oposição entre diferentes (as dicotomias) e de estabelecimento de novas possibilidades conectivas de antigos padrões cuja eficiência científica ora torna-se

questionável. É desta forma que, na experiência popular da leitura oracular, a razão é um processo “encarnado”, “corporal”, nem abstrato nem concreto, um processo capaz de fazer emergir um novo espaço: transicional, intermediário, situado entre as categorias já estabelecidas de mente e corpo, concreto e abstrato e, no caso da comunicação de emissão e recepção por exemplo.

Vários autores já elaboraram teórica e metodologicamente, noções pertinentes à uma ampliação do campo da Comunicação. Ciro Marcondes Filho, em sua proposta de estabelecimento de uma “nova teoria da comunicação”, já propôs a noção de “metáporo” (2010) para tratar do que se passa quando a comunicação acontece em um evento transformador. Para ele, o metáporo permite:

Pesquisar aquilo que não se conhece, o que está sempre em movimento, um objeto que nos foge a todo momento, que nos escapa pelos dedos, pesquisar o transitório, essa é a estratégia metapórica. É um novo olhar ao evento comunicacional, é igualar-se em sua velocidade, é sentir e pensar, viver e trabalhar o vivido, ter experiência no próprio corpo e dela extrair descrições, relatos, exposições, textos; transformar o vivido em depoimento, em testemunho vivencial (MARCONDES FILHO, 2010, p. 263)

Segundo o autor, criador do quase-método, o metáporo opera em três momentos da pesquisa: no estabelecimento das condições da

mesma e de sua observação; na própria observação, ou seja, o caminhar da pesquisa; e na apresentação final dos dados. O que permite acompanhar o fenômeno comunicacional sem estancá-lo, até mesmo porque parece impossível (ou improdutivo) aprisionar um acontecimento para investigá-lo.

O teórico latino-americano Martín-Barbero (2009) também deslocou para o fenômeno das mediações a atenção da teoria da comunicação, destacando a cultura como local da experiência popular e de seu *sensorium* “que enoja as elites” (p.30), cuja forma de existência é múltipla e ativa “não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais” (p. 287). Fato é que pensar a comunicação como mediação a partir da cultura foi um primeiro passo dado por uma teoria da comunicação latino-americana que já convidava a pensá-la, não mais a partir das disciplinas e dos meios, rompendo com a segurança da redução da sua problemática à da técnica e da tecnologia, mas a partir da experiência.

Tomamos aqui o popular, para além da perspectiva da crítica social que estratifica grupos sociais e estabelece distinções, de forma transversal e transdisciplinar, como

o lugar onde a cultura pulsa, vive e se manifesta; onde o acontecimento é primeiramente vivido. “É percebido como acontece, mas sem aparecer para os sentidos—sem ser visto ou ouvido. É insensatamente experienciado por ser perceptivamente sentido, não tanto ‘na’ visão como com a visão ou através da visão: como um efeito de visão. É uma abstração vivida” (MASSUMI, 2011, p.17, tradução da autora)⁵.

Nessa perspectiva do popular como atravessamento à cultura, procuramos investigar a comunicação a partir de uma razão mágico-poética cuja consciência é capaz de abrir o corpo e a cultura, à maneira do que propôs o filósofo português José Gil em sua conferência *Abrir o corpo*:

É preciso definir a consciência do corpo não à maneira da fenomenologia (mesmo de uma fenomenologia do corpo como a de Merleau-Ponty), não como o que visa o sentido do objecto na percepção, por exemplo, mas como uma instância de recepção de forças do mundo graças ao corpo; e, assim, uma instância de devir as formas, as intensidades e o sentido do mundo (GIL, 2004, p. 2)

É essa “instância de recepção de forças do mundo” que vamos investigar no que segue, na tentativa de decifração de uma das formas

5 “perceptually felt, not so much ‘in’ vision as with vision or through vision: as a vision effect. It is a lived abstraction”

de abordar a comunicação ampliada: a comunicação oracular.

Olhar

Em um exercício etnográfico de observação, desde a nossa primeira experiência de observação do jogo de búzios, percebemos a existência do espaço intermediário e do entrever que se dá quando o pai ou a mãe de santo jogam. Percebemos que várias relações se estabelecem não só entre as imagens oraculares e o dizer, mas também entre outras imagens recorrentes no universo mágico-religioso brasileiro. A do preto-velho fumando seu cachimbo, o olhar perdido na lonjura, é uma delas. A do ambiente esfumaçado dos terreiros, não só pelo efeito das velas e dos incensos, mas também do fumo dos cachimbos e charutos, em que tudo transparece à meia luz é outra. Também, e mais misteriosa ainda, a superfície plana e circular do *opon*⁶ ou das peneiras, onde são jogados os búzios, o dentro e o fora, as linhas imaginárias que o atravessam e determinam a leitura.

Todas essas imagens são elementos que alimentaram as presentes reflexões sobre aquilo que se olha para além daquilo que se vê e nos levaram à hipótese de que existe um espaço intermediário, que apenas se entrevê, e de que

o entrever e o imaginar são processos mediadores da comunicação oracular, encarregados de oferecer chaves de leitura para a criação e a revelação de novos mundos, que atendem à necessidade das pessoas de seguirem suas jornadas, em meio às dificuldades que a vida lhes oferece, enfrentando todo tipo de adversidades, mas, irremediavelmente, tendo que seguir assim mesmo. É no espaço embaçado e indefinido entre o instrumento oracular e o olho daquele que é encarregado de ler o não escrito, de decifrar o não dito, que reside a resposta, a chave, a pista a seguir, a revelação esperada. É ali, no espaço invisível, que se dá a mediação de todo o processo da comunicação oracular.

Uma lição aparentemente sem importância, talvez por parecer à primeira vista apenas formal, recebida durante uma das nossas primeiras observações do jogo de búzios, quando já sabíamos que era preciso contar o número de conchas que caíam abertas para então poder começar a interpretar alguma coisa, foi fundamental: a reação de todos os alunos quando estão aprendendo a jogar e quando os búzios, depois de serem demoradamente esfregados entre as duas mãos, caem sobre o *opon*, é debruçar-se para frente de maneira a aproximar o olhar e não errar a conta da

6 Nome do objeto de madeira, redondo e muitas vezes adornado à talha, destinado a receber os búzios em uma jogada.

quantidade de búzios abertos. O pai de santo então advertiu que essa atitude era falta total de decoro, algo que não se faz, como uma falta de respeito, uma indelicadeza para com o oráculo. Era preciso manter a postura ereta, observar de longe, naquela mesma atitude em que se joga e se fala, sem ansiedade, com calma.

Percebemos então que havia um espaço a ser respeitado, entre o olhar e os búzios, uma certa distância e que essa distância tinha algo a ver com a calma necessária para o jogo. Hoje entendemos que exatamente nesse espaço intermediário reside a leitura. E que não se trata de uma leitura que conta o número de bocas abertas a falarem de maneira a relacionar o número com o seu significado oculto, decorado a muito custo pelo aprendiz como se essas correspondências imediatas fossem os códigos a serem decifrados; trata-se de um outro tipo de leitura que perscruta um lugar aparentemente vazio, um pequeno caos, um nada. E pensamos que esse nada se aproxima do “nada criador” da esfera da língua de Vilém Flusser (2004), esse lugar limite onde a linguagem já não é mais sintaxe racional e se tornou poética e livre, mas também arriscada: a poesia superada na oração no melhor dos casos, a salada de palavras transformada em balbúcio no caso negativo. Nas palavras do autor: “A separação entre intelecto e língua, entre o aspecto subjetivo e objetivo

da realidade, portanto, quebra a realidade. O intelecto supera a língua e dissolve-se. O resto é silêncio” (p. 159).

O espaço intermediário, que também o preto-velho, cachimbo na boca, observa, calmamente, como se investiga uma ideia, um pensamento, uma abstração, uma operação matemática, uma realidade distante, talvez o passado ou o futuro, mas certamente não o aqui e agora, também não a física nem a biologia; já não mais a coisa tal como aparece, mas a realidade da coisa, a coisa tornada outra, uma outra dimensão, ou será um outro nível de realidade, nos dizeres de Nicolescu (2009, p. 5) ?

É preciso entender por *nível de Realidade* um conjunto de sistemas invariável à ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão em ruptura radical com as leis do mundo macrofísico. O que significa dizer que dois níveis de Realidade são *diferentes* quando, passando de um para o outro, há uma ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade).

Perguntamo-nos por que os pretos-velhos nos transmitem a noção, em nossas vidas tão rara, do que é a sabedoria. Onde reside essa sabedoria? De que realidade advém? Como se apreende? Como transparece? Diríamos que reside não no olhar, nem no objeto que se olha, mas justamente no espaço intermediário; que

se percebe no entrever. O preto-velho não olha alguém, uma árvore, um animal. Ele não pesca, tampouco caça. Está simplesmente sentado, fumando e olhando. O preto-velho olha o nada, a lonjura, o horizonte, a distância. Seu olhar se perde no lugar intermediário entre os níveis de realidade e é nessa condição que ele é, na tradição da Umbanda, um velho sábio, capaz de buscar memórias insondáveis, mitos, verdades esquecidas, vozes de outros tempos, atávicas, ancestrais, originais. Talhados na madeira, os pretos-velhos que adornam as paredes das casas brasileiras são como velhas árvores. Atravessam os tempos. Sabedoria ancestral. Oráculos.

Também na madeira são talhados os *opons*, às vezes são peneiras de palha que servem ao mesmo ofício. O que importa no caso não é o material de que são feitos, mas a sua forma redonda e sua superfície lisa. Constituem o que Didi-Huberman (2011) chama de tábula, “lugar privilegiado para acolher e apresentar o despedaçamento do mundo [...] a vocação das coisas a serem dissociadas e redistribuídas” (p.56, tradução da autora)⁷. Ordem e desordem. Necessidade de identificar na

desordem uma nova ordem possível a ser observada. Mas também o inverso: estabelecer uma desordem no lugar onde a ordem estabelecida já não permite mais ver o fenômeno. Esse seria o propósito e a lógica da comunicação oracular do entrever.

Primeiro, expõe-se uma desordem, uma espécie de acaso, que pode ser entendido como o Aion⁸: aquela configuração única a um só tempo eterna e fugaz, que só daquela maneira poderia aparecer naquele exato momento, mas que se subdivide ao infinito. Sintoma a ser respeitado. É preciso, por um lado, recortar o espaço, despedaçar o mundo: em baixo, em cima, um lado, o outro lado, dentro e fora, os quadrantes, as oitavas. As linhas imaginárias atravessam a superfície e definem os planos. São vários deuses, várias forças universais, vários fatores a afetarem a vida física. Os elementos afetivos se misturam aos elementos cognitivos. Existe uma ordem no *opon*. Mas também várias ordens que se interligam, vários níveis de realidade, heterogêneos, que se encontram, se determinam e sobredeterminam: lugar de encontro em que se busca estabelecer relações “íntimas

7 “lieu privilégié pour recueillir et présenter le morcellement du monde [...] leur vocation [des choses] à être dissociées, puis redistribuées”.

8 Aion ou Aeon, é o vigésimo arcano maior do jogo do tarô, também chamado de “Julgamento” ou “Juízo final”. Esta carta refere-se a um exame de consciência, uma oportunidade de redenção, de renovação ou ao sentido de vida eterna. Para os gregos, Aion é também uma das formas de designar o tempo em seu sentido de eternidade. Abordaremos mais adiante com mais detalhes o sentido que irá tomar o Aion na presente discussão.

e secretas” onde realidades aparentemente não ligadas entre si agora se entrecruzam. Sistema aberto em que as regras empregadas e os signos que o organizam não são nada sem as exceções que acolhem e levam em conta os sintomas próprios a cada situação concreta que se apresenta.

Existe, portanto, sobre essa tábula que é o *opon*, uma infinitude de possibilidades, de histórias a serem reveladas. O jogo de búzios apela para uma relação fenomenológica de cada caso tratado com a configuração das conchas abertas, muito mais do que para uma relação semiótica e repetitiva entre as conchas e o espaço do *opon*, por mais complexa que se apresente a estrutura significativa. Em suma, existem regras, classificações, categorias, um despedaçamento do espaço do mundo significado ali na superfície lisa em que os búzios são lançados. Mas existe também – e felizmente, porque é aí que reside a possibilidade de liberdade – uma desordem: a desordem da imaginação que desafia toda a ordem preestabelecida e constrói uma nova razão a cada situação-sintoma ali aparecida no jogo, no entrever.

Fica então a pergunta: como se estabelece a convivência tácita, em cada jogada, que vai permitir o encontro entre o jogo da razão significativa e o da desordem criativa? Este nos parece ser o mistério do entrever. Para

avançar nessa direção, sem mudar de lugar, investigaremos agora outra face da comunicação possível entre aquilo que nunca foi escrito e aquilo que se quer saber: o silêncio.

Silenciar

Na distância a ser respeitada entre o olhar e o jogo, reside um silêncio. Uma suspensão temporal. Para aquele que espera, pode ser um tempo ansioso. Para aquele que lê, é um tempo necessário. O caos ainda não foi ordenado. Tudo ainda é mistério preste a ser desvendado. Os 16 búzios caídos estão espalhados na superfície plana do *opon* e formam um conjunto heteróclito cujo significado se oculta na desordem. *Non sense*. Parece impossível ao olhar desprevenido extrair dali algum sinal, alguma informação, um sentido qualquer. No entanto, *non sense* não é equivalente a ausência de sentido. Ao contrário, implica o sentido.

Para aquele que olha – o *oluwo* ou “olhador” em língua Iorubá – o silêncio cumpre sua função comunicacional de conversor. É nele que se põe em marcha o dispositivo combinatório do sentido, que capta informações, de todas as ordens: energia psíquica, energia cósmica, linhas se entrecruzando, destinos, tempos, pacotes de pequenos acontecimentos, vozes, deuses tomando a palavra. As conchas abertas são pequenas bocas, fendas que se abrem para dentro do espaço da casca, testemunha das

profundezas oceânicas, espiral para dentro e para fora. As bocas vão buscar no interior de si, pelas vias espiraladas de sua intimidade, a mensagem que se esparrama para fora. Elas parecem rir, oferecidas, desafiando o olhador.

O silêncio, dissemos, é como uma suspensão do tempo. Na realidade, nele se opera a conversão dos tempos: de um tempo em outro e talvez em outro, e assim sucessivamente até a volta ao presente corporificado do nosso conhecido tempo cronológico. Deleuze, em *A lógica do sentido* (1976), nos fala em dois tempos: Cronos e Aion.

Dois tempos, dos quais um [Cronos] não se compõe senão de presentes encaixados e o outro [Aion] não faz mais do que se decompor em passado e futuro alongados. Dos quais um [Cronos] é sempre definido, ativo ou passivo e o outro [Aion], eternamente infinitivo, eternamente neutro. Dos quais um [Cronos] é cíclico, mede o movimento dos corpos e depende da matéria que o limita e preenche; e o outro [Aion] é pura linha reta na superfície, incorporal, ilimitado, forma vazia do tempo, independente de toda matéria. (p.39)

De acordo com o filósofo, é no tempo Aion, esse tempo infinitivo, ilimitado e incorpóreo que está a fonte da linguagem. Tempo

na superfície do qual os acontecimentos só podem ser acolhidos pelos seus efeitos. Não é nosso objeto aqui detalhar a concepção deleuziana de tempo e linguagem na lógica do sentido, e sim, apenas entender que os tempos são heterogêneos e interagem entre si, da mesma forma que os planos de realidade para Nicolescu também se encontram. O silêncio, espaço-tempo sem linguagem e, simultaneamente, linguagem em potencial, parece ser fundamental para o entrever e a liberação da narração no processo da leitura do que nunca foi escrito. Ali, inevitavelmente, haverá um encontro, uma convergência de elementos heteróclitos. Quiasma⁹ dissolvido em entrelaçamento: ponto de convergência e divergência, onde se dá, necessariamente, uma mutação. É ali que se passa a conversão do *nonsense* em potencial manifestação de sentido, a conversão do silêncio em potencial palavra.

É possível pensar o encontro dos tempos Aion e Cronos como a linha do horizonte, essa zona de fronteira, simbolicamente entre céu e terra, entre o tempo linear do aqui e agora e o tempo profundo da eternidade. Uma linha que nunca se atinge, com o relevo dos acontecimentos surgindo à superfície. É assim

9 Utilizamos a noção de quiasma, emprega por Kamper (2016) no sentido de algo que se dispõe de forma cruzada e não pode ser lido senão em dois sentidos ao mesmo tempo unidos e contraditórios.

que criamos uma imagem para o entrever. Uma imagem que também permite entender o papel da imaginação na conversão do sentido para a linguagem. “Algo que sempre existe”, diz Kamper:

Ela própria (a força da imaginação) é, de certa forma, o horizonte. Literalmente, horizonte significa: morada de Hórus. É um atributo real e divino (destinado ao precioso filho de Osíris e Ísis), que permite ver alinhamentos, organiza, efetua o ciclo que vai do caos ao cosmos. É algo que sempre existe a partir do momento em que o homem começa a refletir. (KAMPER, 2016 apud OLIVEIRA, 2014, p.171).

Sempre existe? Desde que se comece a refletir. O silêncio inquieta o espírito acostumado à fala incessante do mundo racionalizante e de sua conversação, ou sua “conversa fiada”, nos diria Flusser (2004). É a inquietante gaia ciência em ação. Saindo em busca de seu conhecimento feito “de sangue, de coração, de ardor, de alegria, de paixão, de tormento, de consciência, de fatalidade” (NIETZSCHE, 2006, p.19). O olhador sonda o silêncio, e nele os planos de realidade, os tempos, que se chocam e criam nós, tecendo a rede invisível do destino daquele que perguntou por si, com os pequenos cruzamentos, os acontecimentos, as vicissitudes de sua existência. A partir da percepção desses nós, nasce a possibilidade da palavra, da

corporificação no presente daquilo que advém dos polos do passado e do futuro, eternamente desenrolados, ilimitados. Aqui e ali, o fluxo se interrompe. Nesse percurso do heteróclito, nas sutis interrupções, algo pode ser entrevisto.

Mas o entrever também não prescinde de imaginação, de uma percepção das “relações íntimas e secretas entre as coisas”, e do estabelecimento de “correspondências” e “analogias” nos diz Baudelaire (1976, p. 329). No entrever do olhador, a meio caminho entre o olho e o tabuleiro de jogo, duplica-se o sentido. O que está à superfície, provindo das profundezas através das bocas abertas das conchas – vozes divinas, adivinhas – agora adquire relevo, corporifica-se, redonda na série de acontecimentos, de arranjos e conexões entre os elementos aparentemente caóticos do heteróclito ali determinado pelo jogo, e faz nascer o que pode ser articulado: a resposta esperada, uma história, uma advertência, um aconselhamento, um destino.

Kamper (2016) chamou de escrita em cicatriz aquela que se escreve a partir de “uma percepção que prescinde de bordas e molduras, indignada, completamente desarraigada, uma nudez sem contexto. Como toda grande arte, ela leva, sem querer, à transformação de prazer a inteligência, de dor em saber” (p. 88). Cremos poder afirmar que a prática divinatória se propõe a fazer a leitura de tal “escrita em cicatriz”, uma escrita que transparece no jogo, se entrevê no

pequeno caos do tabuleiro e aparece, aqui e ali, como método para a vida de alguns poucos arriscados.

Notamos que, ao ouvirem o oráculo, através da fala do pai de santo, as pessoas saem diferentes, tomadas de caos e ordem, tomadas de uma fala que vem de longe, uma fala que ganha profundidade. Cremos poder dizer que a fala do oráculo encanta por ser advinda do entrever, nascida da imaginação que também é poética. A respeito do caráter poético da imaginação, recorreremos novamente a Baudelaire (1976, p. 622, tradução da autora): “Ela [a imaginação] decompõe toda a criação, e com materiais ajuntados e dispostos de acordo com regras de que só se pode encontrar a origem no mais profundo da alma, ela cria um mundo novo”¹⁰. Vamos agora para o ápice da manifestação da criação desse “mundo novo”: o dizer.

Dizer

O dizer pode ser considerado como o resultado do entrever. É resultado, mas ainda assim, está contido nele e o contém, obedecendo todo o processo a uma estrutura hologramática¹¹. O dizer em si se dá em um

fluxo que vai e volta. Segue o percurso do heteróclito, ajuntando peças. Realiza uma verdadeira montagem. Segue as linhas, segura os fios e estende um percurso labiríntico de palavras. É enquanto fluxo que o dizer necessita do silêncio e da suspensão do tempo cronológico.

O dizer no jogo de búzios é o momento em que ocorre mais interação explícita entre o olhador (o pai ou a mãe de santo no caso do jogo de búzios) e aquele que veio em busca de resposta. Mais uma vez, a interação passa essencialmente pelo olhar. Também pelos gestos, as respostas do corpo. Muito mais do que pelas palavras em si, uma vez que, naquela situação, quem está em busca de resposta veio para ouvir; e o dono da palavra é o detentor do poder do segredo: o *oluwo*. No jogo de tarô, é a mesma coisa. Não há espaço para a negação por parte daquele que veio consultar o tarólogo. Este detém o poder de entrever, e o dizer é parte desse processo. O dizer talvez seja o ápice do jogo que se estabelece entre, por um lado, o detentor da faculdade de entrever no invisível e, por outro, a pessoa ávida de elementos que lhe permitam uma melhor compreensão do seu próprio destino.

10 Elle décompose toute la création et, avec les matériaux amassés et disposés suivant des règles dont on ne peut trouver l'origine que dans le plus profond de l'âme, elle crée un monde nouveau.

11 O holograma é um dos operadores da Teoria da Complexidade, segundo o qual “não apenas a parte está num todo, mas que o todo está inscrito, de certa maneira, na parte” (MORIN, 2002, p. 302).

É preciso entender a relação intrínseca e complementar entre o silenciar e o dizer como resultados e partes do processo do entrever e do ato de olhar para os sinais do oráculo de sentir os corpos. Silenciar e dizer são dois modos de comunicação de relação paradoxal e é exatamente enquanto paradoxo que ganham força. Consultar um oráculo, pedir para ler o que nunca foi escrito é, de certa forma, desafiar o incomunicável; é colocar em palavras o indizível. E aquilo que se mantém não escrito, indescritível ou indizível é da ordem do oculto, do que não se revela com as palavras superficiais do significante aparente. Necessariamente, o dizer do oráculo é um dizer que, ao jogar com o silêncio, só pode advir dessa profundidade calada, fonte de uma sabedoria nascida de um tipo de conhecimento que só os sábios, os videntes, os iniciados na leitura do invisível possuem e podem, de uma maneira muito peculiar, transmitir. Essa relação entre silêncio e palavra toma uma dimensão maior nas culturas que o filósofo senegalês Mamoussé Diagne (2005) chama de “civilizações da oralidade”: “Convém reafirmar que uma civilização da oralidade, por ser uma civilização da palavra viva é, ao mesmo tempo e por razões essenciais, uma

civilização do segredo, ou seja, do silêncio” (p. 557, tradução da autora)¹².

O dizer é propriamente a transmissão do entrever. É feito de palavras que contêm mais do que simplesmente um significado trazido à superfície. Por isso, reiteramos que se trata de uma maneira muito peculiar de transmissão. O dizer oracular ressoa a partir e dentro de um silêncio, porque busca as palavras capazes de alcançarem os significados ocultos dos signos, expostos na superfície do tabuleiro do jogo. Falamos mais acima que, no tempo Aion, alcançado no silêncio enquanto suspensão da cronologia, os acontecimentos só podem ser acolhidos pelos seus efeitos.

As palavras jorram em um fluxo complexo de elementos que se debulham a partir dos indícios dados pelo jogo. E assim, vão, aos poucos, compondo sentidos na fala. Os sentidos do fluxo das palavras oraculares não são óbvios e acessíveis a qualquer um. São labirínticos. Como o reflexo da desordem dos búzios no tabuleiro, formam uma espécie de duplo relevo feito de uma matéria ambígua: silenciosa densidade dos tempos entrecruzados por um lado, pequenos jorros de significados

12 “Il convient de réaffirmer qu’une civilisation de l’oralité, parce qu’elle est une civilisation de la parole vive est, en même temps et pour des raisons essentielles, une civilisation du secret, c’est-à-dire du silence”.

labirínticos por outro: perífrases, linguagem secreta, imagens também densas, em cuja profusão será preciso ir traçando o percurso de uma ordem a ser seguida, se quiser apreender e fixar na memória alguma coisa desse processo complexo.

O dizer do oráculo, na medida em que todo oráculo é também um jogo, constitui-se numa relação lúdica entre quem lê e quem é lido. Podemos supor que o detentor da faculdade de ler o que nunca foi escrito tem uma grande vantagem sobre o interessado: a de ter acesso ao seu segredo, àquilo que ele muito quer saber, mas não consegue enxergar nos sinais explícitos que a vida lhe dá. Sendo assim, explica-se a postura do pai ou da mãe de santo ou do tarólogo que se mantém ereto, impassível, olhando na distância. Já, o corpo do interessado é, a princípio, um corpo suplicante, um corpo em interrogação, em busca de algo, um corpo que ora se debruça sobre o jogo sem entender, ora se afasta e reage às cartas, à configuração misteriosa dos búzios, o olhar questionador. Mas também é detentor de muitas informações sobre os dados objetivos de sua vida, que ele não deixa de conectar ao dizer oracular, estabelecendo suas próprias relações e, por vezes, intervindo corporal ou mesmo verbalmente, com atitudes que expressam concordância, dúvida, às vezes discordância, mal-entendido. Essas atitudes

são aproveitadas pelo olhador atento que vai compondo o seu dizer, enriquecendo e, eventualmente, modificando sutilmente o curso de sua narrativa com as informações ali recolhidas.

Tomam então parte no dizer do jogo – nessa relação polissêmica de dizer sem dizer, dizer silenciando, dizer verbal e corporalmente – as vozes universais, divinas, ancestrais, arquetípicas, a depender da situação, ampliando o alcance e o significado do jogo. Nos búzios, são muitas vezes os deuses a se expressarem; às vezes, dada a cosmovisão africana, podem ser os ancestrais, os antepassados a falarem, pedirem, aconselharem, advertirem. No tarô, a referência será arquetípica, aparecerão as grandes figuras universais do mundo humano e terreno. Em todo caso, o despedaçamento do mundo se dá, de uma forma ou de outra, entre seres cujo poder se estende entre as partes de um universo ao mesmo tempo conhecido e misterioso representado pelo tabuleiro, a mesa de jogo, o *opon*. Cada área da superfície do tabuleiro combinada com um número de búzios abertos corresponde, a princípio, a um deus, uma voz, uma força que ali se expressa. Da mesma forma, cada carta do tarô, de acordo com sua posição sobre a mesa, traz a mensagem arquetípica de um ser que paira, de forma atávica e universal, nos destinos de cada um.

Embora, com isso, a amplitude das possibilidades do jogo oracular tome dimensões que vão além do alcance da razão humana e de seu aqui e agora, há sempre uma forma de acesso possível aos mistérios do universo que o detentor dos segredos de um jogo pode transmitir, ao menos parcialmente. Mas não será só essa correspondência entre vozes arquetípicas e sua transposição em uma linguagem articulada através do mensageiro a atuar na composição racional do jogo cuja realidade caótica e indizível ora se transforma em mensagem dizente. Na superfície fenomenal do jogo, também aparecem outras imagens, configurações, linhas, triângulos, pequenos amontoados, certos números que, de conexão em conexão, de aproximação em aproximação, de associação em associação, vão formando os fios a serem tecidos na composição de uma verdadeira história, em que se enredam os familiares, os amores, os conhecidos e desconhecidos, as viagens, as mudanças que o destino traz, as encruzilhadas. O conhecimento oracular nasce da junção entre classificações estabelecidas e aleatoriedade aparente na medida em que corresponde às conveniências e necessidades do dizer por parte do olhador que também se torna narrador do novo mundo criado. No *opon*, não há uma representação de uma vida em um aqui e agora, há um mundo em acontecimento cuja narração determinará o sentido do novo mundo criado.

A transmissão sendo um processo interativo que implica a dupla participação entre quem sabe e quem não sabe, trata-se de uma construção conjunta de sentidos entreditos. A lógica do sentido faz-se, sempre e imprescindivelmente, acompanhar da quebra da lógica, do *nonsense*. Não apenas para surpreender ou desorientar o outro, a fim de lhe mostrar seu desconhecimento dos códigos do segredo – isso já está implícito –, mas também e sobretudo porque a ordem do sentido oracular é, necessariamente, feita de desordem, o fluxo da narrativa é, necessariamente, feito de interrupções.

Acessar aos segredos do destino sobre si mesmo é adentrar a dimensão ilógica da lógica. E para isso, é preciso enfrentar a complexidade do *logos*. Esse lugar, onde nasce a linguagem; onde ela também morre: do balúcio à oração, do aniquilamento à eternidade. Isso só será possível com a mediação da imaginação que, segundo Baudelaire (1976), atua no lugar em que o mundo se decompõe e se recompõe a partir de “regras de que só se pode encontrar a origem no mais profundo da alma” (p. 622). O *logos* do entrever é complexo a ponto de fazer explodir os limites da exatidão e das relações imediatas de correspondência entre as coisas, explodir as classificações, os algoritmos e as relações de causa a efeito estabelecidas pela razão pensante. Cria novas zonas intersticiais, novos

nós e conexões entre os tempos e os planos de realidade, abrindo a racionalidade a um conhecimento que atravessa as fronteiras e barreiras da lógica do sentido preestabelecido. O pensamento encontra a imaginação e ambos se põem a um trabalho conjunto de criação e construção de novos significados e possibilidades, de alcance até existenciais para aquele que carece de respostas para conduzir sua própria vida.

A lógica da comunicação oracular é, no sentido em que Didi-Huberman (2011) o emprega, uma “lógica da montagem” (p.15), e implica na leitura, segundo Benjamin (1933), do que nunca foi escrito: “esse tipo de leitura é o mais antigo: a leitura que antecede toda linguagem” (apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 16, tradução da autora)¹³.

Considerações finais

Terminamos esta reflexão com a abertura que a comunicação oracular nos dá para adentrar as possibilidades infinitas da criatividade. Certamente, a aproximação com a arte divinatória, seja na forma da consulta, seja na vivência iniciática, ou no aprendizado de seus mecanismos ou até mesmo quando tomada como objeto de estudo e reflexão, permite e obriga a um

exercício estético e epistemológico. Acreditamos até poder afirmar que se trata de uma experiência estética que conduz a uma concepção de conhecimento ampliada cujas consequências epistemológicas são notáveis. A estética do entrever como potência criativa. A arte divinatória como perspectiva epistemológica.

Para enfrentá-las, porém, é preciso deparar-se com o difícil. Porque é extremamente desafiador começar, depois de toda uma formação estruturada com base em uma estética limitada a cinco sentidos hierarquizados, aprender a ver algo que não se vê, a sentir o que não se sente, a perceber o que não se percebe senão com a perspectiva ampliada da imaginação. Também porque, hoje, aprendemos sobre o princípio de não contradição que propõe repensar as bases da lógica dual em direção a uma lógica do terceiro incluído, mas não confiamos nos poderes da intuição, nas mensagens dos sonhos e na lógica mágica dos terreiros. Também não aprendemos a levar a sério os fenômenos oraculares.

Tratamos de uma Comunicação que chamamos aqui de Comunicação ampliada, ainda não construída teoricamente, mas capaz de se abrir aos mistérios ainda não resolvidos

13 “Ce type de lecture est le plus ancien: la lecture avant tout langage”.

e que, no entanto, afetam comunidades inteiras. Uma comunicação que começa no corpo em suas relações com a mente e a consciência e termina no corpo; que passa pelas esferas infra e suprassensíveis do universo, que a imaginação consegue tocar e trazer à tona na fala, no gesto, nas imagens e em toda forma de expressão que nos seja possível utilizar.

Para abordar teoricamente essa comunicação ampliada, capaz de ir em direção a novos campos de possibilidades, a fim de avaliar a natureza e as alternativas àquilo que já está empiricamente dado, é preciso enfrentar o difícil de todas as formas: a organização disciplinar do conhecimento com suas fronteiras e fragmentações; as limitações impostas por essa mesma organização científica aos objetos e às teorias que permitem apreendê-los; a limitação colocada à própria possibilidade de linguagem, as barreiras contra o poético, a recusa e a compreensão enviesada da metáfora; os preconceitos contra tudo o que não é estritamente racional, tudo o que dialoga com a arte, a imaginação, a criatividade, a sensibilidade. E reconhecer que as pessoas consultam oráculos, na maioria das vezes, para enfrentar suas crises, as dificuldades de suas vidas. Querem respostas que não encontram nem dentro nem fora de si mesmas. Não há médico, não há livro, manual, software, aplicativo, não há tecnologia nenhuma capaz

de aliviar suas dores e resolver seus problemas. Recorrem aos pais e mães de santo, aos tarólogos, a quem leia na borra de café, nas vísceras, nas linhas da mão. Encontram então formas de construir ou reconstruir sentidos perdidos, negados, roubados pela lógica inflexível da razão em suas diferentes facetas mais brilhantes: moral, econômica, política, científica. E no encontro com novas perspectivas de construção do sentido de suas vidas, ganham novos alentos, novas esperanças, às vezes recuperam sua autoestima, o gosto pela vida, a confiança em si, a força para viver. Curiosamente, a gaia ciência, por mais inquietante que seja para o espírito científico e cético, é, em toda sua crueldade, também a que propicia a possibilidade de alegria. Gaia significa alegre. O saber alegre é o que nasce da mais profunda dor, o conhecimento que resta quando tudo está perdido e quando só a própria vontade pode fazer nascer uma esperança qualquer.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. **Oeuvres Complètes**, II. Paris: Gallimard, 1976.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CASTRO, Gustavo de; MORAES, Vanessa de. **Nove imaginários dos Ins**. Brasília: Fac Livros, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DIAGNE, Mamoussé. **Critique de la raisonnée**. Paris, Niamey, Dakar: Celhto, Karthala, Ifan, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou le gai savoir inquiet**. Paris: Minuit, 2011.

DRAVET, Florence. **Crítica da razão metafórica: magia, mito e poesia na cultura contemporânea**. Brasília: Casa das Musas, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FONSECA, Tania Mara Galli.; ENGELMAN, Selda. **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GREINER, Christine. Os novos estudos do corpo para repensar metodologias de pesquisa. **Do corpo: Ciências e Artes**, v. 1, n. 1, p. 1-11, jul./dez. 2011.

GIL José. Abrir o corpo. In: FONSECA, Tania Mara Galli.; ENGELMAN, Selda. **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...** São Paulo: Paulus, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica; nova Teoria da Comunicação III**. São Paulo: Paulus, 2010. Tomo V.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MASSUMI, Brian. **Semblance and Event: Activist Philosophy and the Occurrent Arts**. Cambridge: MIT Press, 2011.

MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Émile. Les formes primitives de classification – contribution à l'étude des représentations collectives. *L'Année Sociologique*, n. 6, p. 1-72, 1903.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORIN, Edgar. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **O método V: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NICOLESCU, Basarab. **Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade**. 2009. Disponível em: <<http://www.emse.fr/aslc2009>>. Acesso em: 26 maio 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Escala, 2006.

OLIVEIRA, Danielle. Mudança de horizonte: Dietmar Kamper, um herege na cruzada do imaginário. **Esferas**, Ano 3, n. 4, p. 167-173, jan./jun. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

To see in between the (in)visible: imaginary, oracular communication and creative power

Abstract

We propose to investigate what happens in the space between what one looks at and what one sees. To do so, we deal with the process of entering the intermediary between object and subject, between thing and vision of thing, which can also be understood as the non-fusional junction between both of them, or, on the contrary, as the absence of both in an unknown territory, free of the notions of time and space. In the search for understanding the phenomena of seeing in between, we take the oracular communication as the place par excellence of the exercise of seeing in the intermediate territory of the “between”, and the imagination as a mediator of perceiving relationships and correspondences between things and their various planes of reality. We follow the hypothesis that it is by imagining that seeing in between has place, in all its creative potentiality.

Keywords

Imagination. Oracle. Creativity.
Communication. Invisible.

Entrever en el (in) visible: imaginación, comunicación oracular y potencia creativa

Resumen

Proponemos investigar lo que se procesa en el espacio entre lo que se mira y lo que se ve. Para ello, tratamos del proceso de adentrar el intermediario entre objeto y sujeto, entre cosa y visión de la cosa, que también puede ser entendido como la unión no fusional entre ambos, o la ausencia de ambos en que se abre un territorio desconocido, libre de las nociones de tiempo y espacio. En la búsqueda por la comprensión del fenómeno del entrever, tomamos la comunicación oracular como lugar del ejercicio de ver en el territorio intermedio del “entre”, y la imaginación como mediadora de la percepción de relaciones y correspondencia entre las cosas y sus diversos planes de realidad.

Palabras clave

La imaginación. Oráculo. La creatividad.
Comunicación. Invisible.

Florence Dravet

Doutora em Didactologia das Línguas e Culturas pelo Programa de Ciências da Linguagem, da Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle. Professora no Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, Distrito Federal, Brasil. | E-mail: flormd@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>